

**Desprendimento
dos bens
terrenos**

estudo dirigido





Desprender é

1. Desatar, desamarrar, desligar.
2. Livrar, pôr de lado, afastar, desviar.



Mais um excelente
texto para estudo
do nosso querido
amigo.

Gastão Crivelini







Venho, meus irmãos, meus amigos,
trazer meu auxílio para ajudar
corajosamente no caminho de melhoria
em que entrastes. Somos devedores uns
dos outros; somente pela união
sincera e fraternal entre os
desencarnados e os encarnados, será
possível esse melhoramento. O apego
aos bens terrenos é um dos maiores
obstáculos ao vosso adiantamento
moral e espiritual; pelo desejo de
possuí-los, destruís o sentimento do
amor voltando-o para as coisas
materiais.

Sede sinceros: a riqueza dá uma
felicidade pura? Quando vossos cofres
estão cheios, não há sempre um vazio
no coração?



Compreendo que um homem que, por um trabalho constante e honrado ganhou a fortuna, experimente uma satisfação, muito justa, que Deus aprova. Porém, daí a um apego que absorva todos os outros sentimentos provocando a frieza do coração, há uma distância tão grande quanto da avareza sórdida ao esbanjamento exagerado, dois vícios contra os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude, que ensina ao rico dar sem orgulho, para que o pobre receba sem humilhação. Quer a riqueza se tenha originado de vossa família, quer a tenhais ganho pelo vosso trabalho, há uma coisa que não deveis vos esquecer nunca; tudo o que vem de Deus, retorna a Deus.



Nada vos pertence na Terra, nem mesmo vosso corpo: a morte vos liberta dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos enganéis. Deus vos emprestou, deveis restituir, e Ele vos empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, reverta em favor daqueles que não têm o necessário. Um dos vossos amigos vos empresta uma soma; por pouco que sejais honesto, tereis a preocupação de lhe restituir o empréstimo, e lhe ficareis agradecido. Pois bem, essa é a posição de todo homem rico: Deus é o amigo celeste que lhe emprestou a riqueza; pede-lhe apenas o amor e o reconhecimento, mas exige que por sua vez, o rico dê também aos pobres, que são, tanto quanto ele, seus filhos.



O bem, que Deus vos confiou desperta em vossos corações uma ardente e desvairada cobiça. Quando vos apegais imoderadamente a uma riqueza tão perecível e passageira quanto vós, já pensaste que chegará o dia em que devereis prestar contas ao Senhor do que Ele vos emprestou? Esqueceis que, pela riqueza, estais revestidos do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra para serdes os seus inteligentes distribuidores? Que sois, portanto, quando usais em vosso próprio proveito o que vos foi confiado, senão depositários infiéis? Que resulta desse esquecimento voluntário de vossos deveres? A morte certa e implacável, rasga o véu sob o qual vos escondíeis, e vos força a prestar contas até mesmo ao amigo esquecido que vos favoreceu e que, nesse momento, se apresenta diante de vós com a autoridade de juiz.



É em vão que na Terra procurais iludir a vós mesmos, colorindo com o nome de virtude o que frequentemente não passa de egoísmo. O que chamais de economia e previdência não passa de ambição e, de generosidade o que não passa de esbanjamento em vosso favor. Um pai de família, por exemplo, ao deixar de fazer a caridade, economizará, amontoará ouro sobre ouro, e isso, diz ele, para deixar a seus filhos a maior quantidade de bens possíveis e evitar deixá-los na miséria. Isso é bastante justo e paternal, convenhamos, e não se pode censurá-lo por isso. Mas, será este o objetivo que o orienta? Não é isso frequentemente uma desculpa para com a sua consciência, para justificar aos próprios olhos e aos olhos do mundo o apego pessoal aos bens terrenos?

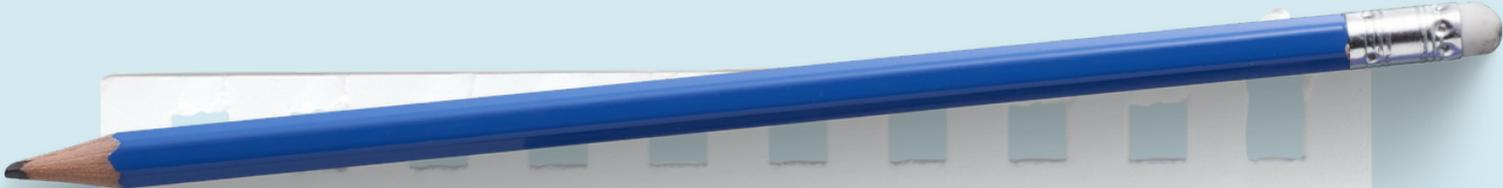


Admitindo-se que o amor paternal seja seu único propósito, será motivo para esquecer-se de seus irmãos perante Deus? Se ele mesmo já tem o supérfluo, deixará seus filhos na miséria, só porque terão um pouco menos desse supérfluo? Não estará dando-lhes uma lição de egoísmo a endurecer-lhes os corações? Não será sufocar neles o amor ao próximo? Pais e mães! Cometeis um grande erro, se acreditais que desse modo, aumentais a afeição de vossos filhos por vós; ao ensinar-lhes a ser egoístas para com os outros, os ensinais a sê-lo para convosco. Quando um homem trabalhou bastante, e com o suor do seu rosto acumulou bens, ouvireis dizer frequentemente que, quando o dinheiro é ganho, sabemos dar-lhe o valor.



É a mais pura verdade. Pois bem! Que este homem que confessa conhecer todo valor do dinheiro faça a caridade segundo suas possibilidades, e terá maior mérito do que aquele que, nascido na fartura, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas, se esse homem se recorda de suas lutas, seus esforços, torna-se egoísta e impiedoso para com os pobres, será bem mais culpado do que aquele outro; pois, quanto mais cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto mais deve se empenhar em ajudar os outros. Infelizmente, o homem de posses sempre carrega consigo um outro sentimento tão forte quanto o apego à riqueza: o orgulho.





É comum ver-se o novo rico atormentar o infeliz que implora sua ajuda, com a história de seus trabalhos e suas habilidades, ao invés de ajudá-lo e por fim dizer-lhe: “faça como eu fiz”. Na sua opinião, a bondade de Deus não influenciou em nada na sua riqueza; o mérito cabe somente a ele; seu orgulho põe-lhe uma venda nos olhos e um tampão nos ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e toda a sua capacidade, não compreende que Deus pode derrubá-lo com uma só palavra.

Desperdiçar a riqueza, não é desprendimento dos bens terrenos: é descaso e indiferença. O homem, como depositário desses bens, não tem direito de os esbanjar ou usá-los só em seu proveito. O gasto irresponsável não é generosidade.



É, muitas vezes, uma forma de egoísmo. Aquele que esbanja ouro para satisfazer uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um auxílio. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciar a riqueza no seu justo valor, saber usufruir dela em benefício de todos e não somente para si, em não sacrificar por sua causa os interesses da vida futura e, se Deus a retirar, perdê-la sem reclamar. Se, por infortúnios imprevistos, vos tornardes como Jó, dizei como ele: Senhor, vós me destes, vós me tirastes; que seja feita a vossa vontade. Eis o verdadeiro desprendimento. Sede, antes de tudo, submissos; tende fé n'Aquele que, assim como vos deu e tirou, pode vos devolver; resisti com coragem ao abatimento, ao desespero que paralisa vossas forças; não vos esqueçais nunca de que, quando Deus vos prova por uma aflição, sempre coloca uma consolação ao lado de uma rude prova. Pensai também que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra, e esse pensamento vos ajudará a vos desapegar deles.



Quanto menos valor se dá a uma coisa, menos sensível se fica à sua perda. O homem que se apega aos bens da Terra é como uma criança que apenas vê o momento presente; aquele que não é apegado é como o adulto, que vê coisas mais importantes, pois compreende essas palavras proféticas de Jesus: Meu reino não é deste mundo. O Senhor não ordena a ninguém desfazer-se do que possui para se reduzir a mendigo voluntário, porque, então, se tornaria uma carga para a sociedade. Agir desse modo seria compreender mal o desprendimento aos bens terrenos; é um egoísmo de outro modo. Seria fugir à responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a dá a quem Lhe parece ser bom para administrá-la em benefício de todos; o rico tem, portanto, uma missão que pode tornar-se bela e proveitosa para si mesmo.



Rejeitar a riqueza, quando é dada por Deus, é renunciar ao benefício do bem que se pode fazer, administrando-a com sabedoria. Saber passar sem ela quando não a temos, saber empregá-la utilmente quando a recebemos, saber sacrificá-la quando for necessário, é agir de acordo com a vontade do Senhor. Que diga, portanto, aquele que recebe o que o mundo chama de uma boa fortuna: meu Deus, vós me enviastes um novo encargo; dai-me a força para desempenhá-lo conforme vossa santa vontade. Eis, meus amigos, o que vos queria ensinar quanto ao despreendimento dos bens terrenos, não invejeis os ricos, pois a riqueza não é necessária para a felicidade.



Sois ricos, não vos esqueçais de que vossos bens vos foram confiados, e que deveis justificar o seu emprego, como uma prestação de contas de um empréstimo. Não sejais depositários infiéis, fazendo com que eles sirvam apenas para a satisfação de vosso orgulho e sensualidade; não vos acrediteis com o direito de dispor para vós unicamente o que recebestes, não como doação, mas somente como um empréstimo. Se não sabeis restituir, não tendes o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres salda a dívida que contrai para com Deus.



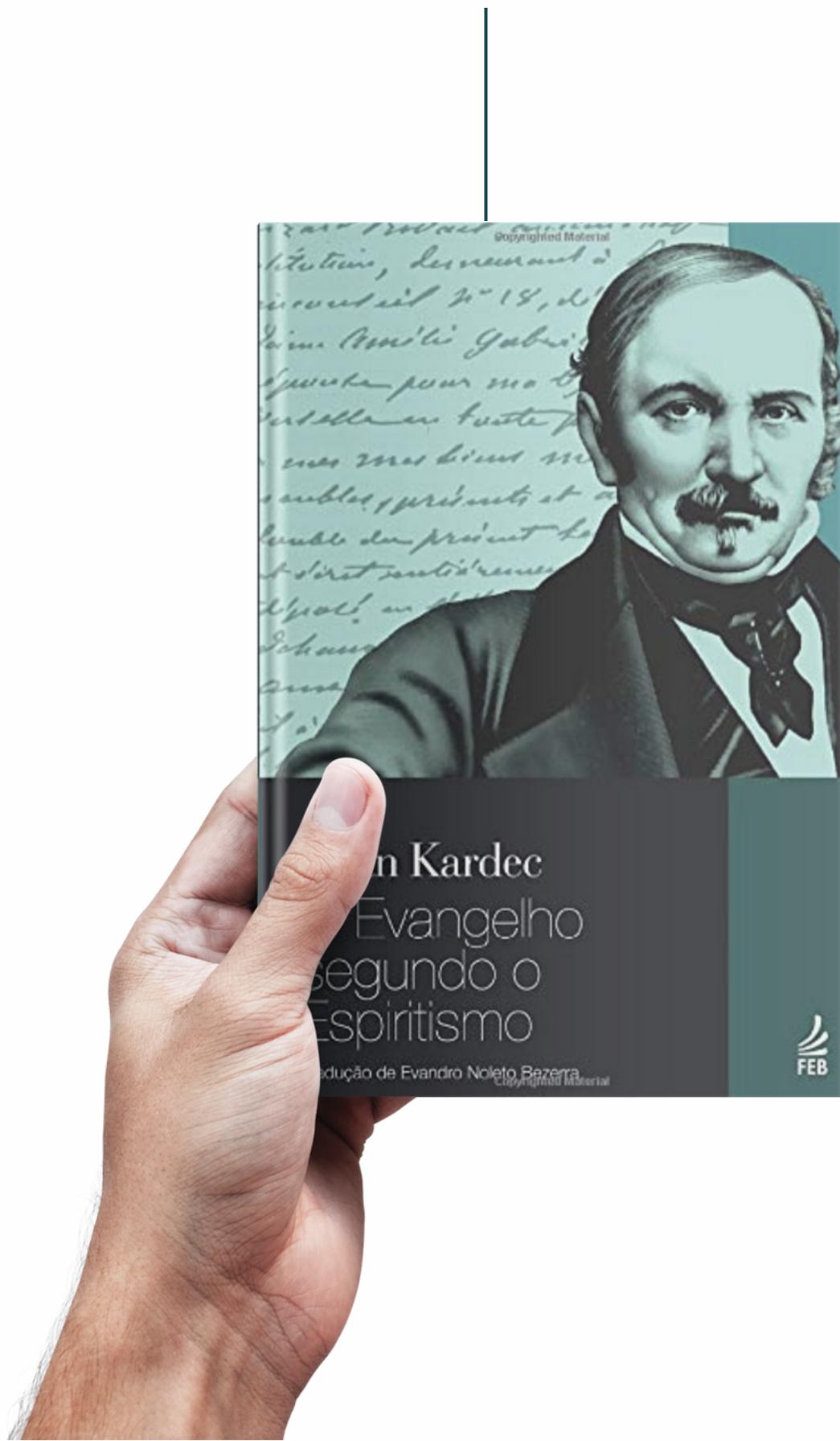
Lacordaire, 1863

- O Evangelho Segundo o Espiritismo -

- textos escolhidos e simplificados
por Gastão Crivelini -



Para saber mais, leia
diretamente na fonte.



"A felicidade
depende das
qualidades próprias
do indivíduo e não
do estado material
do meio em que
se acha."

- Allan Kardec -

fonte: pensador.com



Visite nossas redes



@vinhadeluzjundiai

Estamos atualizando nossas redes.
Em breve você encontrará muito conteúdo.
Acreditamos que muitas outras pessoas podem
conhecer a Doutrina Espírita.

Por isso ~~contamos com sua ajuda~~ para
curtir, comentar e compartilhar.



©2021 Good

EL AR ESPÍRITA VINH E LUZ

33

©2021 Good





Rua Frei Itaparica, 33

(paralela à rua Carlos Gomes)

Vl. Guilherme - Jundiaí

13216.180

(11) 4587.5357

vinhadeluzjundiai@vinhadeluzjundiai.org.br

